

SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



ARTICULAÇÃO: DIÁLOGOS E NARRATIVAS DE UM TERRITÓRIO EM DISPUTA

FERREIRA, Ana Isabel Oliveira; anaisabel.ferreira@usp.br; IAU-USP

Pesquisa de doutorado, orientada por Fábio Lopes de Souza Santos

Iniciada em 15 de março de 2019

1 Introdução

Idealizada na década de 1930 e em meio à política mudancista da Primeira Fase da República de Getúlio Vargas, Goiânia refletia em sua estrutura urbana o ideal – utópico – de cidade moderna. Planejada como nova capital do Estado de Goiás, foi regida por parâmetros de crescimento norteados por um discurso ávido pelo desenvolvimento econômico. No Plano de Urbanização, elaborado na década de 1930 por Atílio Corrêa Lima e reformulado em 1935 pela equipe técnica da companhia Coimbra Bueno & Cia., sob a orientação de Armando Augusto de Godoy, o Setor Sul, planejado como bairro-jardim, buscava, em seus lotes organizados em torno de vielas e *cul-de-sacs*, gerar um convívio social ao voltar as casas para jardins internos comuns aos moradores.

No entanto, a crise financeira enfrentada durante a execução das obras da nova capital, associada à pressão da população e a especulação imobiliária, resultaram na ocupação antecipada do bairro, antes mesmo da urbanização das áreas verdes e da implantação de infraestrutura. Como consequência, a falta de esclarecimento dos moradores quanto aos princípios do projeto original levou à uma apropriação diferente do proposto. Pode-se considerar ainda que, as diretrizes de um planejamento moderno, pautado no modelo norte-americano de bairro-jardim, não eram compatíveis com a realidade das cidades brasileiras. Ao importar essa cultura de morar, os planejadores desconsideraram que aqueles que viriam a ocupar o bairro teriam um meio próprio de se organizar no espaço e de materializar o espírito comunitário. As residências deram as costas aos jardins internos, ignorando-os, e, em alguns casos, negando-os por completo. Nos anos seguintes, o que se viu foi um processo de apropriação indevida das áreas.

Neste cenário de abandono, contudo, a manifestação cultural, empreendida especialmente no final da primeira década dos anos 2000, representa a tentativa de uma nova forma de apropriação coletiva destes lugares. Frente a um ideal de cidade, dinâmico, convertido em um discurso articulado pelas pessoas, ora acreditando ora

não, essa ação cultural marca o primeiro momento de um diálogo mais próximo entre os agentes produtores de cidade e seus discursos. No caso do Setor Sul, as políticas públicas ao longo dos anos – ou a falência delas –, as ações de ocupação e reivindicação dos espaços por moradores, o interesse econômico da iniciativa privada pelo bairro, e as transformações não só estéticas, mas socioculturais atreladas às linguagens artísticas, representam camadas e vozes significativas do processo de produção do bairro.

Nesta perspectiva, alguns questionamentos norteiam o estudo: diante de um ideal moderno de planejamento urbano e frente a uma espécie de utopia do espaço comum, como os diferentes agentes reivindicam e dialogam com as áreas livres do bairro, e como essas relações e tensões o constroem? Como a cultura se insere, materialmente, nos processos de produção do espaço urbano, revelando-se como importante meio de gestão da cidade? Desta maneira, a tese busca dispor sua contribuição teórica e crítica ao investigar de que forma a cultura manifestada nos espaços públicos do Setor Sul – seja através do grafite ou através das ações organizadas pelos coletivos – se insere materialmente nos processos de formação e transformação do bairro, e de que modo as territorialidades constituídas pelo grafite e as vozes dos agentes dialogam com o espaço e inserem tais áreas públicas na dinâmica da cidade.

2 Objetivos

O estudo busca, a partir de seus objetivos gerais: analisar os reflexos das experiências significativas do fazer artístico na construção dos diferentes discursos manifestados ao longo da história do bairro, entendendo a arte enquanto instrumento de leitura e produção da cidade capaz de, em uma experiência coletiva de produção e reprodução do espaço, diluir os limites entre os quatro grandes agentes responsáveis pela construção histórica do bairro: o poder público, a iniciativa privada, os moradores e a própria ação cultural; e ampliar a leitura crítica sobre o papel socioeconômico das práticas artísticas e culturais, e sobre como se inserem materialmente no processo de transformação espacial urbana, ao se revelarem como uma maneira de gestão de cidade.

Através dos objetivos específicos busca-se:

- Compreender como o bairro Setor Sul se situa no contexto histórico de planejamento e construção da nova capital do estado de Goiás, analisando seu processo de implantação e as sucessivas ações urbanísticas pelas quais passou ao longo dos anos;
- Mapear as diferentes configurações das áreas livres do bairro, em uma leitura exploratório das formas de apropriação do espaço através da linguagem artística; das percepções e relações constituídas por moradores e visitantes; da estrutura do entorno imediato; e dos níveis de ações públicas;
- Verificar a influência do fazer artístico na resignificação de lugares e consequentes processos de produção da cidade;

- Apreender os discursos dos atores sociais – moradores do bairro, artistas urbanos e idealizadores dos projetos-ação realizados, representantes da iniciativa privada e do poder público – enquanto meios de compreensão das formas de apreensão e interpretação do espaço;
- Sobrepor as leituras práticas às teóricas revelando assim as consonâncias e contradições nas vozes e relações espaço-temporais evidenciadas;

3 Abordagem da pesquisa

A consulta aos acervos da Divisão de Biblioteca e Documentação da Secretaria de Planejamento Urbano e Habitação (SEPLANH), do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), do Arquivo Histórico Estadual de Goiás (AHEGO), e do Museu da Imagem e do Som (MIS) em Goiânia, descortinou novos desdobramentos para a construção da tese. A partir da organização desses documentos oficiais e não-oficiais, percebeu-se que o Setor Sul sempre esteve, desde o início de sua história, no centro de disputas políticas e econômicas, e que esse espaço de conflito e de tensão revelava uma importante relação de produção urbana. Foi possível identificar também, especialmente a partir da expressão do grafite no bairro no início dos anos 2000, que as estratégias culturais aproximavam, pela primeira vez, Estado, iniciativa privada e moradores. Ilustravam ainda, um momento das políticas públicas de cultura, visto anteriormente no final dos anos 1980 com a crise do césio 137, quando a ação cultural foi sendo usada como meio de projeção de política governamental e como recurso de recuperação da imagem da cidade.

Nesta perspectiva, a pesquisa passou a tomar como central a leitura das camadas constituintes do objeto – forma, função e estrutura do bairro Setor Sul. Entendeu-se que, a discussão das dinâmicas histórica, política, econômica e sociocultural, a partir da sobreposição dos discursos do poder público, da iniciativa privada, dos moradores e da ação cultural; subsidiaria a compreensão do papel da cultura nesse modelo de gestão urbana, e de quanto as lógicas econômicas podem construir novas paisagens, apropriadas por determinados seguimentos.

Além dessa revisão, as medidas de isolamento impostas pela pandemia do COVID-19 exigiram uma atualização na metodologia de investigação. O exercício da etnografia de rua, com início previsto para janeiro de 2020, precisou ser adiado para o segundo semestre daquele mesmo ano. Inicialmente, essa experiência urbana aconteceu de forma isolada, e a observação participante foi retomada apenas no ano seguinte. As entrevistas passaram a ser realizadas através de videochamadas, e a participação em reuniões de moradores, coletivos de arte, e audiências públicas referentes ao bairro, por exemplo, passaram a acontecer em ambiente virtual. Apesar dessas alterações, a estratégia de investigação não foi comprometida.

4 Resultados e discussões

Nesta investigação, aponta-se como hipótese central que, a realidade dos espaços públicos do bairro Setor Sul não é fruto, apenas, de sua ocupação não orientada nos anos 1950. Isso porque, as diretrizes e ideais urbanísticos modernos da época eram incompatíveis com a cultura de morar do cidadão goiano. O modelo de bairro e cidade importado em 1930 não foi assimilado por aqueles que o constituem, ou seja, os próprios moderadores. Verifica-se, nesse sentido, que, desde o início do processo de implantação do Setor Sul, apesar das inúmeras tentativas de urbanização de suas áreas livres, os sinais de recuperação de uma urbanidade idealizada no plano, só foram revelados a partir da manifestação do grafite e do fortalecimento da ação cultural nesses espaços. É interessante observar, também, como rapidamente essas formas de expressão são capturadas pela administração pública e pelo empresariado, e como consolidam novos e diferentes projetos de cultura e cidade.

A leitura sincrônica e diacrônica desse processo histórico indicou, por exemplo, que os moradores já atuavam de forma organizada pelo bairro desde as primeiras décadas de sua ocupação, e que a atuação do poder público pela recuperação e urbanização das áreas livres foi diminuindo com o passar nos anos. Entretanto, a questão mais importante para essa pesquisa, revelada por esse processo, diz respeito à ação cultural. É possível observar que o aparecimento do grafite nos espaços públicos do bairro em 2009, e a intensificação da ação cultural nessas e por essas áreas, apontam para o primeiro momento de um diálogo mais próximo entre os agentes, apesar de movidos por diferentes interesses. Sob o pretexto de uma ação conjunta pela recuperação dos espaços públicos, configurava-se um novo modelo de gestão da cidade.

Até meados dos anos 1980, a pouca infraestrutura dos espaços públicos do Setor Sul limitava a vida urbana dos mesmos a alguns poucos moradores, que compreendiam essas áreas como extensões de suas casas; e a comerciantes que ocupavam os jardins internos das quadras com estacionamentos. Os sinais de urbanidade nesses espaços foram reforçados, de fato, pelas ações artísticas e culturais empreendidas nas décadas seguintes, como o movimento Corrente das Artes. O momento de inflexão na realidade de uso desses espaços está, no entanto, ligado à ação do grafite nos muros e ruínas de mobiliário urbano. A expressão, que, no bairro, surgiu com mais força no final da primeira década dos anos 2000, se espalhou rapidamente pelas áreas livres e atraiu a atenção de muitos, interessados não apenas no valor visual dos trabalhos, mas na capacidade dos mesmos em responder a uma série de questões ligadas ao espaço urbano. O poder público, a iniciativa privada, os moradores e a própria classe artística, se apropriam desse recurso então, seja como forma de projeção de uma política governamental; como tática de especulação imobiliária; como meio de recuperação do valor de uso dos espaços; ou simplesmente como o espaço residual possível – uma oportunidade de construir o nome de um artista a partir de uma série de trabalhos.

5 Referências

- GODOY, Armando Augusto. **A urbs e seus problemas**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1943.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia**: uma concepção urbana, moderna e contemporânea. Goiânia: Edição do Autor, 2001.